



Diálogo com Alberto da Costa e Silva: A participação africana na agricultura brasileira e outros movimentos e contribuições transatlânticas

Dialogue with Alberto da Costa e Silva: African participation in Brazilian agriculture and other transatlantic movements and contributions

Flávia Alves Santos, Ana Louise Carvalho Fiuza e Carlos Ernesto Schaefer



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cea/5053>

DOI: 10.4000/cea.5053

ISSN: 2182-7400

Editora

Centro de Estudos Internacionais

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2020

Paginação: 189-204

ISSN: 1645-3794

Reférendia eletrónica

Flávia Alves Santos, Ana Louise Carvalho Fiuza e Carlos Ernesto Schaefer, « Diálogo com Alberto da Costa e Silva: A participação africana na agricultura brasileira e outros movimentos e contribuições transatlânticas », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 39 | 2020, posto online no dia 23 setembro 2020, consultado o 27 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cea/5053> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cea.5053>



O trabalho Cadernos de Estudos Africanos está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Entrevista

**DIÁLOGO COM ALBERTO DA COSTA E SILVA:
A PARTICIPAÇÃO AFRICANA NA AGRICULTURA
BRASILEIRA E OUTROS MOVIMENTOS E CONTRIBUIÇÕES
TRANSATLÂNTICAS**

Flávia Alves Santos

Universidade Federal de Viçosa
Avenida Purdue, s/nº, Campus Universitário
Edifício Edson Potsch Magalhães
CEP 36570-000 - Viçosa, Minas Gerais, Brasil
as.flavia@yahoo.fr

Ana Louise Carvalho Fiuza

Universidade Federal de Viçosa
Avenida Purdue, s/nº, Campus Universitário
Edifício Edson Potsch Magalhães
CEP 36570-000 - Viçosa, Minas Gerais, Brasil
louisefiuza@ufv.br

Carlos Ernesto Schaefer

Universidade Federal de Viçosa
Av. Peter Henry Rolfs, s/nº, Departamento de Solos, Campus Universitário
CEP 36570-000 - Viçosa, Minas Gerais, Brasil
carlos.schaefer@ufv.br

Diálogo com Alberto da Costa e Silva: A participação africana na agricultura brasileira e outros movimentos e contribuições transatlânticas¹

A entrevista realizada em 2018 com o historiador e africanista brasileiro Alberto da Costa e Silva objetivou explorar os desdobramentos da diáspora africana e suas influências na agricultura brasileira. A partir deste tema foram abordadas questões sobre a alimentação, adaptação de instrumentos agrícolas, escravidão, e mineração, na África, em Portugal e no Brasil. Costa e Silva relaciona as particularidades dos africanos reconhecendo-os como copartícipes na formação da sociedade brasileira. Em suas falas, o historiador relata modos de vida, costumes e conhecimentos típicos, e como estes comportamentos se misturaram formando um novo com marcas tanto portuguesas, quanto indígenas ou africanas, apesar de muitas vezes uma contribuição ser desvalorizada em benefício de outra.

Palavras-chave: diáspora, conhecimento, práticas africanas, sociedade, historiador

Dialogue with Alberto da Costa e Silva: African participation in Brazilian agriculture and other transatlantic movements and contributions

The interview conducted in 2018 with the Brazilian historian and Africanist Alberto da Costa e Silva aimed at exploring the ramifications of the African diaspora and its influences on Brazilian agriculture. From this theme, he addressed the topics of food diet, adaptation of agricultural tools, slavery, and mining in Africa, Portugal and Brazil. Costa e Silva listed the peculiarities of the Africans, recognizing them as co-participants in the formation of the Brazilian society. In his speeches the researcher reported upon the typical ways of life, the customs and the knowledge, and how all these behaviours, mixed together, would form a new one with marks of Portuguese, indigenous and African origin, despite often devaluing one's contribution to the benefit of the other.

Keywords: diaspora, knowledge, African practices, society, historian

Recebido: 29 de junho de 2020

Aceite: 10 de agosto de 2020

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Alberto Vasconcellos da Costa e Silva (ACS), filho do poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva, seguiu o mesmo ofício do pai, além de estabelecer um sólido percurso como historiador e africanista. Seu percurso profissional e acadêmico passa por experiências como a de diplomata em Lisboa, Caracas, Washington, Roma e Madrid, e embaixador na Nigéria, Benim, Portugal, Colômbia e Paraguai. Publicou diversas obras como poeta, ensaísta, ou historiador, se consagrando como um dos grandes africanistas do Brasil. É membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi condecorado em Portugal, Espanha, Itália, dentre outros países, e foi-lhe atribuído o título de *Doctor Honoris Causa* em universidades como Obafemi Awolowo da Nigéria, Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal da Bahia, ambas no Brasil. Como escritor recebeu o Prêmio Juca Pato em 2003, e o Prêmio Camões em 2014 pelo conjunto de sua obra. Apaixonado e interessado pela África desde sua juventude, se dedicou ao estudo da história e cultura deste continente lançando uma grandiosa trilogia, ainda por concluir. No quadro desta entrevista, os dois volumes desta trilogia nos interessaram particularmente como embasamento para a conversa empreendida.

O primeiro livro desta coleção, *A Enxada e a Lança: A África antes dos Portugueses* (1996), trata da África subsaariana antes do contato com os europeus, explorando com riqueza de detalhes e informações as peculiaridades sociais, econômicas e políticas próprias deste continente. *A Manilha e o Libambo. A África e a Escravidão, de 1500 a 1700* (2002) dá continuidade sequencial, abordando o período inicial da diáspora após intenso contato dos povos negros com os portugueses e outros europeus, enfatizando as relações sociais, econômicas e comerciais que passaram a moldar a história da África.

Pensando neste entrelaçamento e nas novas possibilidades e contextos sociais advindos da diáspora africana, realizou-se, no ano de 2018, a entrevista abaixo descrita. Interessados pelas ideias e conhecimentos de Alberto da Costa e Silva acerca das técnicas e práticas africanas expressadas no Brasil através da mão de obra escrava, buscamos explorar tais aspectos na agricultura brasileira. Através da abordagem da agricultura como ponto central, foi possível perpassar outras questões como aquelas culturais, econômicas, ou sociais, revelando um universo de intersecção a partir das misturas ocorridas no Brasil.

Alberto nos recebeu em sua casa para esta entrevista, em um ambiente que retrata e revela partes de suas experiências e paixões. Livros, quadros, esculturas e móveis formam uma harmoniosa e curiosa composição da sala onde fomos recebidos, e tanto a decoração quanto o início de sua fala já apontavam para um assunto que acabou por se revelar em toda a conversa: a mistura brasileira e a

participação africana na formação do Brasil. O africanista inicia nos contando sobre a região de origem de sua família, o Piauí, e relata brevemente:

A minha família foi fundada por um senhor francês que veio com dois portugueses e um alemão, a mando de D. Maria I, em busca das famosas minas de prata, que eles nunca encontraram. Nunca encontraram, mas se encantou com a terra e ficou lá, nunca saíram. Na serra de Ibiapaba, fronteira com o Piauí, onde você tem maçã, pera, uva, ameixa, tem todos os frutos europeus temperados, porque na serra faz frio, e tem um microclima inteiramente diferente do resto do estado, e do resto da região.

Segue abaixo a sequência do diálogo, grandemente conduzido por ele, apesar das tentativas de interrupção, por ele contornadas a fim de seguir seu raciocínio e dividir conosco um pouco de seu amplo conhecimento sobre as participações africanas no Brasil.

Sobre o modo de se fazer agricultura no Brasil, esta prática poderia ser muito mais africana do que indígena ou portuguesa, ao contrário do que podemos muitas vezes pensar. Até porque foi o braço africano que cultivou. Em Moçambique e Angola percebi a semelhança que existe na maneira como se lavra a terra lá, a forma como se usa os instrumentos, a enxada de cabo curto, a roça limpa, diferente de uma roça tupi, o trato da terra e o ciclo da cultura são muito parecidos também na roça brasileira e na africana. E o africano não é de fazer um rodízio cultural tão forte quanto o índio, que tem uma pressão de uso contínuo da terra muito maior. Qual a opinião do senhor sobre essa ideia?

Eu acho primeiro o seguinte: não há uma África. O que se vê em Moçambique é inteiramente diferente do que poderia ser visto no Senegal. O que se vê no Senegal é diferente do que se vê em Angola. Não há uma regra para dizer “há uma agricultura africana”. Não há agricultura africana como não há agricultura portuguesa. Agricultura da Beira, agricultura do Alentejo... Tem tradições diferentes e formas de cultivo diferentes, até a forma de colher, de aproveitar a colheita. Essa tendência que nós temos para o generalismo, de dizer sobre a influência tupi, mas que influência tupi? Qual delas? Durante anos eu estudei história do Brasil dizendo que os índios mal sabiam cultivar. Os índios tinham até indústria! Se você for ver uma casa de farinha de mandioca, era uma pequena indústria.

E sobre a participação das mulheres nesta agricultura?

As mulheres é um outro capítulo. É sobre como os homens conseguiam fazer com que as mulheres trabalhassem para eles. E como eles inventaram ocupações que não têm nada a ver com trabalho: política, esporte, tudo isso o homem faz. Remar, carregar peso, lançar dardos, transformou em esporte. Agora, a mulher, não transformou nada em esporte. Não há olimpíada de trocar fralda, de fazer mingau, não há nada disso. As mulheres trabalham, e na África inteira você vai ver. Só vai ver os homens descansando e as mulheres trabalhando. Além do fato de a agricultura estar nas mãos femininas na África, está também em mãos femininas no Brasil, onde não há arado. Principalmente quando você tem arado puxado pelo boi, o cavalo é que faz a força. O homem está atrás do arado. Sempre que for de enxada, tem uma mulher.

Na África isto é muito típico, não é?

Na África, no Brasil, na Irlanda, na Inglaterra, na Austrália. Determinados modelos vieram para o Brasil, outros não vieram. Por exemplo, é possível que até haja por aí e eu não saiba, eu não sou especialista na matéria. Mas um africano da África Ocidental ele não planta um só vegetal num tanto de terra. Ele planta três, quatro, cinco vegetais ao mesmo tempo, que se um falhar, o outro dá certo. E é um procedimento que não se faz no Brasil, nem o índio fazia, nem o branco. Eu não conheço no Brasil lugar onde tenha essa mistura.

O senhor considera essa policultura algo tipicamente africano?

Não sei se é tipicamente africana. Eu sei que na África Ocidental se pratica muito. Agora, há determinadas formas de cultivar que você viu em Moçambique que já são herança portuguesa. O que acontece é o seguinte: esses processos andam mais depressa do que a gente. Quando os portugueses chegaram ao Brasil e depois começaram a fazer viagens do Brasil para a África, levaram a mandioca para lá, isso deve ter se dado por 1510, 1520, 1530. Em 1600 já havia mandioca no Ganja. A mandioca andou mais depressa no continente africano que o homem, que a presença do homem. A farinha da mandioca, que é um processo complicado. E na Nigéria diziam “isso aqui é como nós fazemos farinha, não como vocês fazem farinha. É como os índios fazem farinha no Brasil e veio para cá”. Então isso andou muito depressa, esses processos andam mais depressa que o homem, quando eles são bons. O que acontece é o seguinte, e é uma história incrível. Não somos só nós que somos inteligentes, os outros também são. Todos são inteligentes. Tem determinados processos que você pode dizer que são africanos, outros não. O que não quer dizer que a África não tenha influenciado a agricultura bra-

sileira, pois influenciou, e muito. Determinadas condições e determinadas áreas da África são diferentes. Por exemplo, a rotação de culturas, umas comunidades africanas possuem, outras não. Aproveitamento de restos da cozinha é comum em determinadas aldeias africanas, usar o resto de comida para fazer adubo, como se fazia no Brasil quando eu era pequeno. Não sei se ainda se faz.

Já o índio costumava queimar todos os restos culturais dele, como o lixo doméstico.

O europeu também queimava muito. E o africano também queimava. Porque a terra era mais carente, o solo africano era mais difícil em determinados locais, quase todos são pouco profundos. Se você submete a agricultura a uma cultura de arado, a terra vai embora, o solo vai embora numa velocidade enorme.

O senhor falou rapidamente do tema da rotação de culturas. Na Europa, a partir do século XI, começa haver um desenvolvimento lento. E na África, no século XV, como era a rotação de culturas?

A gente não sabe em que medida os portugueses, holandeses e ingleses, franceses, que andavam pela costa da África prestavam atenção, no séc. XV ou XVI, na agricultura africana. Provavelmente muito pouco! O navegador português não era marinheiro de origem, era agricultor. Então quando eles viam uma planta diferente, eles traziam. Usavam vasilhas de barro, regavam todo dia e viajavam da Índia até Portugal. Eles prestavam muita atenção nos vegetais que estavam sendo cultivados. Eles estavam mais interessados em saber como era o quiabo, como era o maxixe, como era o jiló. Mesmo porque eles não tinham como observar muitas coisas. Porque eles estavam quase sempre como hóspedes, e hóspedes não podem manifestar excessiva curiosidade, que já vira espião. Você tem determinados aspectos de agricultura que são distintos de um lugar para outro. Por exemplo, na Nigéria e no atual Benim, a maior parte dos espaços dedicados a determinada cultura, ou a muitas culturas, não é uma área delimitada e quadrada como no Brasil ou em Portugal. É redonda. Porque eles fazem com muito mais facilidade uma roda, um círculo, do que fazem um quadrado. Tradicionalmente eles desenvolveram mais a linha curva, do que a linha quadrada. E tem uma coisa extraordinária. Você vê um jardineiro ficar no centro, pegar uma vareta e fazer assim (movimento de círculo), redondo, e ficar uma curva perfeita, não tem defeito. Quando você manda ele fazer um ângulo reto, é uma desgraça, só fica reto depois de um grande esforço. Determinados lugares da África tinham uma agricultura muito avançada, muito adiantada. Por exemplo, na África Oriental, você tinha determinadas áreas que conheciam perfeitamente a agricultura de socalco.

Agricultura de socalco que você vai encontrar no norte de Portugal, em regiões montanhosas, onde você ser capaz de, na encosta de uma montanha, criar uma espécie de varanda, onde é possível cultivar em terraços. Isso é muito comum em determinadas sociedades africanas.

Como na Etiópia e no Sudão?

Toda aquela área da África Oriental, onde tem montanhas, você tem terraços. Este tipo de cultivo era diferente de tudo aquilo a que os europeus estavam acostumados. Você aproveita muito das várias colheitas por ano, aproveitando do cultivo de diferentes vegetais. Foi um problema com os europeus na fase colonial, quando tiveram o experimento com os africanos para que plantassem roça de cacau. E o africano não compreendia aquilo. Embora tivessem recebido o cacau da América, o europeu queria ter só cacau como monocultura em determinados espaços.

E a maneira africana era sempre a policultura, misturar.

Misturar... isso não passou para o Brasil. Não passou para o Brasil como não passou a polirritmia africana. A música brasileira veio da África, a música do carnaval é toda baseada no compasso, não é isso? A África não conhece o compasso. A África é polirrítmica. A música brasileira tem muito da música africana, mas sem estender à portuguesa. Umas coisas vieram, outras não. Os africanos não eram bobos, eles eram inteligentes, eram pessoas humanas. Nós tendemos a acompanhar o pensamento do escravizador, pensando que ele era um imbecil, que o africano escravizado era um tonto, não tinha consciência social. Tudo isso é mentira. Eles tinham consciência própria do que estavam fazendo. Quando eles podiam, conservavam, e conservavam o que podiam. Quando não podiam ou não lhes interessava, não conservavam. Então você tem fenômenos assim, você tem o curupira. O que é o curupira? O sujeito que protege a floresta, que tem os pés voltados para trás... isso é uma figura da África Ocidental. Ele conservou e mudou de veste. Então muita coisa se conservou, e muita coisa não.

E sobre os alimentos? Sobre essa troca de espécies vegetais entre os continentes? A manga já estava frutificando na Bahia acho que em 1530, não é isso?

Mais sério que isso, já havia coqueiro! Coqueiro não é brasileiro. E você tem coqueiros desde o Amazonas, pelo litoral, até o Rio Grande do Sul, está tudo cheio de coqueiros. O coqueiro veio do sudeste da Ásia, da Oceania. Entra pela Índia, vai pelo Egito, vai descer até a costa atlântica, e entra no Brasil. Antes de

terminar o século XVI o coqueiro já havia deslocado a palmeira. A banana. Você tem muitos tipos de banana. A banana veio da Índia, e vai mudando de tipo na África. Chega no Brasil ela topa com a pacova, que era brasileira, que chamamos hoje em dia de banana da terra, que é aquela banana dura, que você fritada. Você tem uns 50 tipos de banana. Algumas vieram para o Brasil, outras não passaram pela África, outras ficaram no Egito, outras na Índia. É uma história muito complexa, porque foi ficando pelos pedaços. A história dos nossos vegetais é uma das mais fascinantes que existe. A história de como o quiabo se impôs no Brasil, de como a batata, uma cultura que só se via entre os índios altiplanos da América do Sul, se transformou no prato nacional da Europa. Virou batata frita, batata inglesa. Quando você vai ao mercado na Colômbia, e isso vale ainda mais para o Peru e para o Equador, oeste da Colômbia, o berço da batata. Você vai ao mercado, você encontra dez, onze tipos de batata inglesa, como você nunca viu antes no Brasil, porque nós selecionamos aqueles tipos que nos agradavam mais.

A mandioca concorreu no Brasil com a batata, não é?

A mandioca tem uma vantagem, que nos ajuda a aproximar o seguinte: os portugueses chamavam a mandioca “farinha de guerra”. Porque você podia levar num alforje, amarrado na cintura, o seu alimento, sem precisar cozinhar, sem precisar fazer nada. Depois tinha outro aspecto, que você podia plantar mandioca e deixá-la plantada e só colher quando você quiser. Quando necessário você corta a raiz. Então foi o produto da mandioca que deslocou o milhete e o sorgo. Estes ainda existem muito na África, mas foram deslocados como prato principal pela mandioca e pelo milho. O amendoim. O amendoim africano é o mais gostoso do mundo, muito melhor que o brasileiro. Mas veio do Brasil, o que vai acontecer é que eles escolheram as melhores espécies. Abacaxi. Nunca comi um abacaxi amargo, azedo, na Nigéria. Ele é doce. Foram os descendentes de escravos que voltaram para a Nigéria, levaram o abacaxi chamado Rosa. É aquele bem escurinho, que é rosado.

E sobre os instrumentos utilizados na agricultura? Quais importações, adaptações ou invenções o senhor poderia relatar?

A enxada de cabo curto, por exemplo, é africana. Onde chegou a enxada de cabo longo, ela deslocou a de cabo curto. Era comum na minha infância as pessoas varrerem a frente das casas com uma vassoura de cabo curto, como faziam na África, e como fazem nos quilombos no Brasil. Eu tenho a impressão que já no início do século XX nós já usamos no Brasil enxada de cabo curto.

A respeito dos quilombos, percebi em algumas comunidades em Minas Gerais (Brasil) que eles mantinham o que parece um enxó, que é uma enxada de cabo muito curto, que a mulher usava no trato das roças mais próximas da casa. É uma enxadinha mas o ferro dela parece um enxó, e ele é arredondado.

Sabe por que é de ferro? Os fornos africanos faziam o trabalho de fundição a altíssimas temperaturas, mas eram fornos pequenos, só podiam fazer objetos pequenos. Então quando as mulheres andavam com uma enxada pequeninha, como a que você disse, era porque era mais barato. Uma coisa curiosa é que geralmente o africano não mora onde ele planta. Ele mora na aldeia e tem a roça longe. A roça dele, que ele herdou, ou a roça coletiva do grupo, com propriedade da terra grupal, que é uma coisa bem portuguesa. Porque nós estamos lidando com duas coisas: uma agricultura que tem possibilidade de ser usada em grandes espaços, como a africana; e uma agricultura de pequenos espaços, que é a portuguesa, assim como a pecuária. Há uma diferença muito grande entre o campino português, que lida com o gado num espaço muito pequeno, e o africano que lida com espaços muito grandes e trouxe esse espaço grande para o Brasil. A pecuária tradicional brasileira expandiu. Ela é extensiva.

Coisa que não existia em Portugal.

Não. E a identificação do proprietário do gado era feita da mesma maneira que na África. Na África quando um grupo segue com seu gado para um determinado lugar, quem toma conta do gado fica com um determinado número de bezerros, como no Brasil. E como é a marca? Corte na orelha. No Brasil é também corte na orelha.

Sobre a repressão cultural dos escravos, o senhor considera traços ou características que conseguiram permanecer em quilombolas ou na agricultura?

Isso é uma matéria que é muito discutida e na realidade há duas grandes correntes de estudiosos da história da África, e dos negros nas Américas. Os que acreditam nas marcas que ficaram e os que acreditam na criolização total do negro. Vamos começar pelo mais fácil. Segundo os que falam da criolização, um africano escravizado chega no Brasil, se mistura com os outros e cria uma cultura própria. Mas muitos africanos permaneceram livres nas Américas, e não houve uma criolização total, houve uma criolização parcial. Durante muito tempo, acreditou-se e escrevia-se dizendo que os negros chegavam aqui misturados, que os brancos procuravam misturar os africanos de tal forma que não permanecessem traços marcados, para que não falassem a mesma língua. Isso tudo é ficção.

A maioria dos casos é assim: o navio negreiro saía do Brasil com sua carga de tabaco, aguardente, espingardas, pólvora, tecidos da Índia. Chegavam no porto africano e podiam encontrar cinco escravos, mas podiam chegar depois de uma guerra e encontrar 200 escravos. Se ele encontrasse 200 escravos, ele embarcava 200 escravos, então vinham todos juntos. Chegando no Brasil, essas pessoas eram vendidas para as grandes fazendas. Os que iam para casas particulares iam sozinhos, mas os que iam para a fazenda, iam cinco, seis juntos.

O senhor quer dizer que não havia essa divisão proposital de separá-los?

Podiam até querer fazer mas não conseguiam. E tinha mais: esses africanos escravizados muitas vezes eram da mesma região, não eram do mesmo grupo, e falavam as várias línguas entre si. Há um romance do Coelho Neto que pouca gente conhece, mas que é um dos melhores romances sobre escravidão, chama-se *Rei Negro*. Coelho Neto deve ter conversado com muita gente, com muito africano. Porque ele trouxe um retrato que é exatamente isso. Os reis eram libertados pelos seus co-regionais. Eles chegavam no Brasil, eram identificados como aristocratas, o seu grupo fazia uma vaquinha e compravam sua liberdade, e ele era alforriado logo. É a história do Chico Rei, da Casa das Minas no Maranhão, são muitas histórias. E muitas mais para contar...

Tem relatos de quilombolas que foram atacados nos séculos XVII e XVIII e todos os bandeirantes que eram encarregados disso, capitães do mato, relatam que tinham portugueses fugidos, e índios, todos misturados.

Você tem os quilombolas que se mantiveram africanos, e os que se aportuguesaram. Por que? Porque era mais fácil. Era muita gente diferente junta. Fugitivos de diferentes grupos. Quando eram do mesmo grupo, eles mantinham as tradições, ou inventavam outra língua. Porque você dá nome às coisas novas que você vê. Eram uma mistura de tudo. A cerâmica encontrada em Palmares é toda indígena. O ser humano ele absorve tudo, ele escolhe. Nós estamos aqui conversando, de repente eu quero dizer uma coisa, mas não quero falar a todos. Eu vou ao seu ouvido e cochicho. Ao cochichar estou usando uma palavra africana. É uma palavra quimbunda que se transformou em verbo português. Porque também transforma as coisas. Porque eu estava zangado, outra palavra africana. Em Portugal você não zanga, você fica eniado. Assim como fomos incorporando todas essas palavras africanas, e eu não estou mencionando palavras que dizem respeito a deuses ou objetos, estou mencionando palavras que são abstratas. Dizem respeito a conceitos semi-abstratos. Os africanos no Brasil fizeram a mesma coisa. Eles se aportuguesaram, ou melhor, se abrasilaram. Isso é muito

visível quando você vai para a África Ocidental, vai para Gana, vai para o Benim, vai para o sul da Nigéria.

Então o que o senhor está descrevendo, de certa forma, é um movimento de aculturação.

São vários movimentos de aculturação. As senhoras na África nos séculos XVI, XVII, usavam roupas que não eram as mesmas das outras. Elas queriam se diferenciar das outras. Elas queriam ser diferentes. Então moravam numa casa com janela, com reboco, pintada de branco, para dizer: eu sou diferente.

E se pensarmos de forma específica na agricultura, esse movimento de aculturação se desenhou dessa forma? Ou o negro na alimentação ele deixa marcas mais fortes em termos de tecnologia que de alimentação?

Tem uma coisa que chama azeite de dendê, pimenta, uso do camarão seco misturado com camarão fresco, e vai por aí. Eu não sou um especialista em cozinha. Mas a minha mulher se fosse viva, se estivesse aqui, daria numerosíssimos exemplos. Ia pegar um livro de cozinha nigeriana e ia mostrar. Ia mostrar por exemplo o vatapá. O vatapá nigeriano, vou chamar de efó, porque efó em geral, a pasta, eles fazem de inhamé. A minha mãe fazia de amendoim, pasta de amendoim. Tem gente que faz com massa de milho, fubá. Ao lado do prato principal, que era aquela massa, o camarão seco, o camarão fresco, o peixe. E no nigeriano havia uma série de potinhos. Cada potinho um tempero de pimenta diferente. Então, o vatapá brasileiro demora dois dias para ser feito. O vatapá nigeriano demora uma semana. Então você tem essas diferenças que marcaram a cozinha. Se passou no Brasil algo muito curioso. A sala de jantar, do chefe, do patrão, do dono, do senhor, influenciou a cozinha, e a cozinha influenciou a casa com a sala do patrão. Primeiro o africano começou a comer doce, que ele não comia na África, e o patrão a comer quiabo, e pimenta. Foram trocando. Misturou-se tomate e azeitona, inhamé, dendê. Fizeram todas as misturas possíveis. A comida baiana é 80% africana e 20% portuguesa. Durante anos dizia-se que feijoada era comida africana. Feijoada veio do norte de Portugal, é a favada. Só que lá eles fazem com feijão branco. O que o mineiro chama de Romeu e Julieta, invenção mineira, goiabada com queijo, veio também de Portugal. Só que lá é queijo da serra com marmelada. Mas é a mesma coisa! Só mudaram o ingrediente aqui porque não tinha marmelo, aí fizeram com goiaba. E não havia o queijo da serra, o queijo forte, fizeram com o queijo de Minas. As coisas são complicadas, e nesse capítulo da alimentação, em última análise da agricultura, mais complicadas ainda.

Mas o quiabo, a pimenta, esse espaço para uma policultura que caracterizou a agricultura africana, em meio à monocultura brasileira, o africano conseguiu penetrar?

Porque o africano tinha roça. Na maioria das fazendas era dado um pequeno trato de terra para o africano plantar sua comida. E ele plantava a sua comida. E nas cidades havia essa coisa curiosíssima, todo mundo hoje em dia vive em apartamento, inclusive eu. Eu morei muitos anos em casa. Você tinha ao lado da cozinha, separado da casa, mas dentro do mesmo terreno, espaços fechados, onde você tratava a horta. Toda casa tinha sua horta. Era na horta que plantavam pimenta, o tomate. E você vai misturar o alho com os ingredientes africanos. Tudo misturou de uma maneira impressionante. Veja como isso é complicado. É mais complicado ainda num regime onde se tinha o mundo dividido em dois: homem livre e homem escravo. Complicado! O homem escravo teve de influenciar o homem livre, e influenciou através da babá, da ama. E não se esqueça que ama é uma palavra indiana, veio da Índia. Impossível no Brasil separar o que é africano do que é português. Geralmente quando vai separar faz bobagem.

O senhor falou da mineração, da influência na enxadinha, a influência do negro na mineração no Brasil. No Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte² tem algumas coisas da influência africana, mas muito pouco. O senhor pode dizer algo a este respeito, ou relatos de uma possível influência?

A influência foi total. Temos o seguinte: o português não tinha ouro em Portugal, ou tinha muito pouco. Eles não dominavam as técnicas de abertura de poços e corredores subterrâneos, não sabiam batear os rios. Alguns sabiam, alguns poucos, mas não vieram para o Brasil. E depois que se encontrou o ouro, geralmente vinham para ser comerciantes de ouro, contrabandistas de ouro, capatazes. Quem conhecia ouro era o africano. Antes da descoberta do ouro nas Américas, todo o ouro, quase todo o ouro, que se usava para fazer moedas na Europa e nos países árabes, era proveniente da África. Da região ocidental, da região de Bouré, do Gana, da África Oriental da região de Sofala, planalto central de Zimbábue. Era o ouro africano que atravessa o Saara e o Mar Vermelho e o Índico, produzido por africanos que sabiam produzir. O português não sabia. Praticamente todas as técnicas foram introduzidas por africanos. E no fabrico de joias, aí é diferente. A maioria das joias brasileiras são de prata. Porque a prata

² Museu localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil, onde se encontra um acervo com peças dos séculos XVIII ao XX, representativo das atividades profissionais que deram origem à indústria de transformação em Minas Gerais. Contempla setores de atividades tradicionais tais como mineração, lapidação, ourivesaria, alimentício e tecelagem.

era um metal muito mais valioso, muito mais raro que o ouro. Hoje a gente vê de maneira diferente. Mas se você olhar as formas, em Salvador (Bahia) num museu sensacional, onde tem um dos grandes colecionadores de joias, a maioria delas tem desenhos africanos. Desenhos semelhantes aos dos axantes, etc. Mas era o casamento de duas tradições. Porque a tradição do ourives português é muito antiga. E o português fazia joias há muitos anos, e joias muito bonitas. Então houve casamento das técnicas de fazer joias africanas e portuguesas, que deu a joia brasileira, a tradicional, que é diferente da portuguesa e da africana. Você vai a um antiquário em Portugal, olha para uma joia e você vê que ela é brasileira, e não portuguesa. E como você vê? Pela disposição dos desenhos.

A gente está pensando em termos da influência do negro nas técnicas agrícolas brasileiras. Mas será, a partir da conversa com o senhor, tenho me perguntado... será que o melhor termo é influência ou presença?

Participação.

Porque o senhor está trazendo um depoimento muito forte em termos de hibridismo cultural, às vezes um acultramento, em termos de busca por ascensão social, diferenciação. Mas ao mesmo tempo, a presença, a participação. Então talvez, a partir do relato do senhor, a gente pense mais em termos de uma participação, de uma presença, do que de uma influência?

Não é bem influência porque essa coisa de que o negro influenciou a vida brasileira está equivocada. O negro foi copartícipe na formação do Brasil. Folclore, tradições, histórias tradicionais, determinadas técnicas, determinadas áreas até muito antigas, o negro está presente. Está presente como fundador, como cofundador, como copartícipe, e não apenas como influência. Influência é pouco. Era uma coparticipação. E quanto à sua fala, ninguém quer ser minoria. Você só quer ser minoria qualificada. Você só aceita ser minoria quando você se qualifica.

Quando a gente vê a agricultura brasileira, tenho a impressão que a nossa agricultura é quase que uma contradição, ela é meio nômade. O caipira paulista, mineiro, é alguém que não pôde ficar muito fixo na terra porque só em 1850 com a lei de terras é que o Brasil vai conhecer uma certa progressão em termos de possibilidade de se fixar na terra. Porque antes tudo era de Portugal, e Portugal impedia muito as livres iniciativas. E eu acho que de certa forma isso foi um fator que inibiu muito a nossa tecnologia, o nosso avanço tecnológico. Pelo menos quando a gente olha para a Europa, e vê que eles foram se transformando de servos em camponeses, eles foram se fixando em terras de que foram

conseguindo ter o uso. O senhor concorda com isso? O que acha da relação que os africanos tiveram com a terra na África e no Brasil?

São relações diferentes. Costuma-se dizer que dividimos os povos africanos em coletores agrícolas e pastores. O pastor cria o gado geralmente livre, anda atrás do gado, muda de local de pastagem conforme as circunstâncias, mas também planta. Ele faz seus roçados para ir e na volta ter comida. Então ele é agricultor, e é coletor. Recolhe cera de abelha, mel de abelha, recolhe raízes, frutas. O agricultor dedica-se basicamente à agricultura, ao uso da terra, mas também tem vaca, carneiro, cabra, tem também seus animais para comer. O que planta menos ou cuida menos dos animais é o coletor. Mas mesmo assim há povos coletores que já tem uma vaca, um boi, uma cabra, um carneiro. De maneira que nem todo agricultor africano é móvel. Como nem todo agricultor brasileiro é nômade, tem muito agricultor brasileiro preso à terra. Na Europa na realidade o servo estava preso à terra. Não se vendia o servo. Vendia-se a terra com o servo dentro. Mesmo que estar preso a um local. É por isso que muitos emigraram. Porque a emigração não foi apenas econômica, foi também política. Foi muita gente que veio da Itália para o Brasil, que não se conformou com a unificação. Agora, a lei de 1850 temos que discutir muito sobre ela. Porque foi uma lei altamente reafirmada. Porque ela deu terra para quem não precisava, ela criou óbice, a disfunção maior da propriedade rural. Ela foi toda o contrário da lei de terra dos americanos. Os americanos eram: vá para o oeste, a terra que você encontrar e cercar é sua. Para o Brasil, tudo tinha dono, embora não tivesse nenhuma anotação em lugar nenhum. Você não podia diretamente ocupar espaço de terra porque era tudo do governo, e ele tinha o poder de doar. Deu para os imigrantes, mas não deu para os ex-escravos. Na realidade, não havia falta de mão de obra no Brasil, mão de obra aqui era o ex-escravo. Mas não se quis aproveitar o ex-escravo porque se pensou o que iria fazer do italiano, do alemão, do português, do espanhol. Um semiescravo... não conseguiram fazer. Agora as técnicas entre eles até final do século XIX, até metade do século XX, eram semelhantes. A diferença é apenas tipo, o africano não usava o arado. Fazia tudo à mão. Como no Brasil, a maior parte das fazendas agrícolas não usavam arado. Hoje tem coisas extraordinárias no Brasil que a gente nem sabe.

Chegando a um momento final de síntese, a grande desconstrução a partir desses conhecimentos que o senhor nos passou é que viemos procurando uma influência do conhecimento dos negros no Brasil e o que o senhor coloca é “não separe o negro do português”, pois pode haver uma questão de origem mas não de percurso. O senhor concorda com isso?

A gente acaba tendo que separar para conhecer melhor. Mas é preciso ter a noção de que em geral eles se apresentam juntos, com predomínio de um ou de outro, de uma cultura ou da outra. Mas tem que estudar separadamente. Porque caso contrário você faz o que tem sido feito até hoje, que é desvalorizar toda uma contribuição em benefício da outra.

Muitas coisas que o senhor comentou hoje nos remetem a uma percepção semelhante à de Câmara Cascudo³ quanto às misturas na alimentação brasileira. Mas quanto à paisagem, podemos pensar, por exemplo, no mestre português Orlando Ribeiro⁴. O senhor o conheceu?

Pessoalmente não. Tenho os livros dele. Mas não cheguei a conhecer.

Ele fala num dado momento que a vinda dele para o Brasil nos anos 50, na época em que veio a convite de acadêmicos, ele percebeu uma paisagem agrícola que tinha uma matriz parecida com a que ele tinha visto na África.

E é a mesma. Se você andar de automóvel na estrada que vai de Gana à Nigéria, é como se você estivesse viajando numa estrada nordestina. Mesmas plantas, mesmas casas, tudo a mesma coisa. Na verdade tudo muito parecido, muito semelhante, e ao mesmo tempo diferente. Porque é parecido, mas tem diferenças. O Brasil é parecido, a paisagem parece a mesma.

Encerrando, quando o senhor morou na Nigéria, o senhor se identificava com aquilo?

Eu gostava muito, mas eu sabia que era diferente, porque é diferente. Para começar desembarcava uma porção de brasileiros, todos eram descendentes de reis, e segundo, todos queriam encontrar candomblé. O candomblé era uma coisa que, naquela época, agora mudou um pouco, era visto com certa desconfiança. As pessoas faziam muito escondido. Como era no Brasil em 1946. Mas isso também eu sofri em Portugal. Quando as pessoas chegavam em Portugal todo mundo queria ser descendente de visconde, de marquês. Como o africano, o descendente de escravo, nunca diz que os antepassados foram capturados. Foi sempre traição de um tio, avô, cunhado... Então nenhum é descendente de capturado em guerra ou luta armada. O pessoal que sai de Portugal nunca sai de lá por necessidades

³ Historiador e antropólogo brasileiro que se dedicou ao estudo da cultura brasileira. Sobre a alimentação brasileira e suas influências indígena, portuguesa, e africana, desde a fabricação dos utensílios culinários até o modo de se alimentar, ver *História da Alimentação no Brasil* (2011).

⁴ Referência ao renomado geógrafo português e à visita que realiza ao Brasil na década de 1950 na ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia, a partir do qual conhece diversas regiões brasileiras.

econômicas. Saem sempre porque foi chamado por um tio, por um avô, por um cunhado, pela mãe. Motivos distintos para sair. São as coisas que a gente lida no dia a dia.

*

Encerrando nosso diálogo, ACS retoma nossa questão central a respeito da contribuição do africano na agricultura brasileira se questionando:

Qual seria a contribuição pura do africano para a agricultura e pecuária brasileira? Será que tem alguma contribuição que é só dele? Que não é também portuguesa? Porque para cultivar o maxixe não é preciso de técnica africana, não é isso? Pode usar a técnica europeia. Para cultivar ameixa não precisa de técnica europeia, pode usar as técnicas africanas.

A presença da forte mistura e da coparticipação de diferentes povos na formação brasileira não permitiram conclusões a respeito da pureza de contribuições, nem africanas, nem portuguesas, pois são aspectos que se apresentam juntos, como colocado pelo entrevistado. Porém, deste diálogo pudemos apreender a ainda presente necessidade de se considerar o grande arsenal de conhecimentos e práticas que formaram a sociedade brasileira, a fim de não subjugar ou desvalorizar injustamente uma contribuição em benefício da outra.